



No Setor Comercial Norte os edifícios inteligentes chamam a atenção de curiosos por apresentar formas diferenciadas

Prédios inovam arquitetura local

Aline Tubino

Brasília está de cara nova com a construção de diversos edifícios que se diferenciam totalmente dos mais antigos. Um exemplo dessa diferenciação, pode ser visto no Setor Comercial Norte, onde estão em fase final de acabamento dois edifícios inteligentes, controlados por terminais e central de computador, além de outros também muito criativos. No entanto, existem algumas controvérsias a respeito desses prédios, se eles estariam ou não agradando a concepção original da cidade, que é um patrimônio cultural da humanidade. De uma coisa ninguém tem dúvida: estes novos prédios são um símbolo de progresso que aqui está chegando.

O coordenador da 14ª regional do Instituto Brasileiro do Patrimônio Cultural, IBPC, Carlos Magalhães da Silveira, disse que a cidade é viva e os arquitetos vão pensando cada vez mais diferente, criando coisas novas, e que antigamente havia uma certa monotonia nos projetos arquitetônicos. Hoje em dia, o grande problema é a especulação imobiliária, que prejudica esses projetos, e segundo Magalhães, os atuais são piores que os antigos, em termos de conforto, no que diz respeito aos prédios habitacionais, principalmente. Quanto aos novos prédios comerciais, Magalhães declarou que está quase tudo dentro da legislação, e o IBPC, que determina o que pode ou não ser feito na cidade, está de olho em alguns edifícios, que estão apresentando o subsolo aflorando da terra, com a altura de dois andares.

Preservação — Para o IBPC, o importante em Brasília é a preservação da qualidade de vida de seus habitantes, e isto, o que garante é o projeto original da cidade.

O que Carlos Magalhães não entende, é por que o Governo e a especulação imobiliária insistem em querer ocupar áreas onde não existe nenhuma previsão de construção no local. "Por que a gente vai introduzir coisas para piorar a qualidade de vida em Brasília?" interrogou.

A arquiteta Patrícia Floriano Pedrosa, coloca em dúvida a validade da construção desses novos edifícios, pois segundo ela, estariam destoando do resto da cidade, as pessoas vão pagar muito caro por um enfeite muitas vezes desnecessário e que não afetaria em nenhum momento o conforto, que é o primordial. "O que eu acho ruim, é que aparece um prédio desses e depois vão aparecer milhares iguaizinhos", declara. Para ela, essa "nova" tendência de se colocarem arcos e pórticos em quase todas as construções, é uma tendência ultrapassada, da fase do pós-modernismo,

que já está com seus dias contados, é uma imitação da arquitetura internacional, não tendo nada a ver com a cultura brasileira.

Um exemplo da arquitetura brasileira são as sacadas e varandas. Mas do jeito que está sendo usada aqui na cidade, é só para burlar a legislação, o código de obras e edificações, pois a área avança na projeção do prédio e as construtoras não pagam por esse espaço, construindo apartamentos minúsculos com enormes sacadas, e aí que está o lucro das empresas. Para Patrícia, os arquitetos têm de estudar bem os projetos, aliando a beleza com a funcionalidade, não esquecendo de procurar uma identidade nacional, e não apenas importar modelos de outros países, tudo isso sem afetar a concepção urbanística de Brasília.



O edifício Number One, segundo seu criador, teve que perder muito terreno para ter uma forma diferente

Código permite pouca mudança

Arquiteto César Barney, criador do primeiro edifício inteligente de Brasília, o Number One, disse que a cidade só não se modernizou mais ainda, por ter um código muito amarrado, não sendo permitido variações de formas e a rigidez por causa de centímetros, muitas vezes. De acordo com Barney, na época da construção da cidade, as coisas eram mais flexíveis, e para ele, o código ficou

muito restrito e está na mão de gente muito burocratizada, "o que resultou nestes caixotes que aí estão", declara.

Barney disse que, para conseguir criar uma forma um pouco diferente para o Number One, teve que perder muito terreno, pois as medidas atuais, estabelecidas pela lei, só concebem edifícios quadrados. "A gente com muita luta e paciência, vem conseguido mudar alguma coisa. Para César Barney, o fato de Brasília ser patrimônio cultural da humanidade é uma questão ambígua, pois, por um lado pôde se preservar a parte histórica,

mas por outros impediu que a cidade se modernizasse.

De acordo com Barney, o código de obras e edificações não poderia ser totalmente liberado, as restrições são necessárias, mas têm que haver flexibilidade e desburocratização do processo, sem causar divergências por questões mínimas, que não estão em nenhum momento ferindo as concepções da cidade. A fiscalização deveria estar mais preocupada em não permitir absurdos como os que acontecem com os prédios habitacionais, onde as condições de vida muitas vezes são subumanas, por causa do espaço que é mínimo.